

## C A P Í T U L O . 3

### *Turim, Itália*

Esta imagem no pano, vista ao longo de séculos por milhões de pessoas, nunca deixou de emocionar Felix. A primeira fotografia de 1898, revelava em negativo, um retrato natural. A imagem conseguia ser distinguida mesmo a olho nu. A opinião médica concordava que: o pano de catorze pés tinha outrora envolvido um cadáver. Dobrado transversalmente a meio o pano tinha sido disposto de maneira a cobrir a cabeça do cadáver e a outra metade a cobrir as costas. A metade que Felix contemplava tinha coberto a parte da frente. Um homem tinha morrido e tinha sido envolvido nele, rodeado por plantas e flores, a sua imagem tão nítida como a dele.

Tinha morrido no primeiro século da crucificação romana, ou às mãos de um assassino que teve como intenção simulá-lo, e daí produzir uma relíquia fraudulenta. Como é que um falsificador medieval teria sabido contrariar os conhecimentos do seu tempo acerca da crucificação - ao colocar as chagas feitas pelos pregos no pulso, e não na palma da mão- isso não tinha ainda sido explicado por aqueles que acreditavam que o Sudário era uma falsificação. Só recentemente é que arqueólogos tinham ficado a saber que a crucificação pelo pregar dos pulsos era uma prática Romana.

Cada vez que alguma informação científica era fornecida, surgia controvérsia, mas os crentes não vacilavam e Felix também não. O seu intelecto mantinha-se objectivo por causa do seu trabalho, mas os seus sentimentos não.

Como podia ser?

Aqui tinha estado deitado um homem medindo aproximadamente um metro e oitenta, com longos cabelos a cair sobre os ombros. Usava barba bifurcada, bigode, e tinha um rabicho atrás. Pesava aproximadamente setenta e seis quilos. O seu corpo estava bem nutrido e não tinha qualquer anormalidade excepto as que lhe tinham sido infligidas antes de morrer.

Felix conhecia cada uma delas de cor.

Uma lesão na testa que lhe tinha causado sangramento, uma forte mancha visível no lado esquerdo da magra face semítica. Múltiplas manchas de sangue no cabelo irrompendo do escalpe, outra mancha escorrendo para a sobrancelha e orelha direita, outras estendendo-se para trás do escalpe cobrindo a área occipital. A pálpebra direita rasgada e a face inchada como se tivesse levado uma pancada de moca. Estriamentos na face esquerda, como os cortes feitos por uma queda de cabeça. O osso do nariz desalinhado, como se tivesse sido partido. Escorrências de sangue pelo rosto abaixo formando coágulos na pálpebra esquerda, na narina esquerda, e nos lábios de cima e de baixo. Os coágulos tinham uma aparência normal, corpúsculos vermelhos concentrados nas pontas e dentro de uma pequena e clara zona sérica. No ombro direito uma área enorme com a pele arrancada. Contusões múltiplas em ambos os joelhos, múltiplos cortes numa rótula devido a tropeções consecutivos. O pulso esquerdo posicionado sobre o direito apresentava uma ferida grande que terá danificado ramificações do nervo mediano, provocando causalgia – a dor mais profunda que se pode sentir. Devido a estes ferimentos, marcas de escorrimentos horizontais pelos braços abaixo. Na parte de trás uma marca ensanguentada de uma perfuração no pé direito e uma marca menos escura no pé esquerdo, feita no peito do pé. Por baixo de todos estes ferimentos, pela frente e por trás desde os ombros à barriga das pernas, pequenas marcas em forma de haltere provocadas por açoitamento, estas marcas indicando o uso em simultâneo de dois chicotes guarnecidos com várias correias. Talvez umas 120 chicotadas. Possivelmente mais. Entre a quinta e a sexta costela, uma perfuração ovóide do lado direito do tórax, acompanhada por um fluxo de sangue descendente até ao fundo das costas. Esta última poderia ter sido fatal se tivesse acontecido quando o homem ainda estava vivo.

A morte ocorreu quando os braços estavam esticados como era evidente pelo fluir do sangue. O *rigor mortis* gelou os pés naquela posição e enrijeceu o corpo, o que significava que o corpo tinha sido baixado entre quatro a vinte e quatro horas após a morte. A opinião médica diferia quanto às luxações no ombro e cotovelo esquerdos.

A dúvida residia em se estas tinham ou não sido infligidas quando, quem quer que o enrolara, lhe teria ou não partido os braços para que as mãos pudessem ser dobradas sobre a bacia.

Só a teimosia poderia manter um observador de não ver a realidade. O registo do sofrimento de um ser vivente. Como a imagem tridimensional tinha sido impressa no pano, ninguém sabia. Uns diziam que por uma lenta acção bacteriana do sangue e fluidos venosos. Outros diziam que por energias associadas à ressurreição. Para Felix, o *como*, era menos importante do que o facto da sua existência – o seu pólen e plantas de Jerusalém, a sua perfeição anatómica e os joelhos arqueados para além do conhecimento ou mestria dos artistas desse tempo.

Felix estremeceu perante a imagem. Por um momento pensou que ia ter um acesso de choro. Quem poderia ser senão o Senhor? Quem senão Jesus? Os romanos tinham crucificado muita gente, mas tinham todas as vítimas

usado uma coroa de espinhos? Tinha uma lança trespassado o seu tórax no lado direito conforme mencionado na Bíblia? Desde os tempos de infância, que Felix desejava vivamente desfazer este crime – embora a vítima o fosse por vontade própria – para purificar o seu bem-aventurado sangue, para a salvação deste cordeiro levado do Templo para a matança.

Desde que tinha nove anos e viu pela primeira vez esta face, que tinha sofrido para desfazer este crime.

Sentiu uma mão no seu ombro e olhou para cima. Era o padre Bartolo. Olhando para dentro dos olhos do velho padre, cheios de compaixão, Felix soube o que ele tinha estado a sentir – algo de que ele se tinha sentido incapaz, algo que ele sabia ser pecado – ele que praticava a tolerância. Eram os restos de ódios absorvidos há muito tempo durante a escola de Domingo, onde ensinavam às crianças cristãs que os judeus é que tinham assassinado Cristo. Ele sabia mais do que isso, como qualquer católico o sabia. O Vaticano II determinara, em 1965, “O que aconteceu na sua paixão não pode ser atribuído sem distinção, a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus de hoje.” A moderna escola bíblica tinha ido mais longe e tinha desaprovado qualquer base de culpabilidade. No entanto, aqui estava aquele sentimento – com o qual não queria estar relacionado. Este sentimento confundia-o e envergonhava-o. Desesperadamente tentou pô-lo de lado. Porque tinham os seus pais mentido? Como limpar a culpa redobrada que sentia por ser judeu e por se sentir envergonhado disso?

–*Siete malato Dottor Rossi?*– perguntou Bartolo.

Uma certeza surgiu. Como Judeu tinha uma razão ainda mais forte para levar o seu plano por diante.

–*No padre sto bene.*

Tinha que dominar a sua nova identidade e realizar o que tinha sonhado e para o qual se tinha preparado – repetindo para si próprio, a cada passo, que nunca na realidade o levaria avante por ser irrealista, blasfemo. Tinha projectado protocolos e praticado continuamente no seu laboratório simplesmente pelo desafio. Tinha tentado conseguir estar aqui simplesmente para observar e analisar o Sudário. Tinha mantido a sua participação fora do conhecimento da imprensa simplesmente para proteger a sua carreira. A ciência do Sudário era para alguns uma ciência estranha.

Agora sentia-se compelido a realizar o seu sonho – como se Deus, Ele próprio, tivesse aberto a caixa em Nova Iorque e revelado as cartas que Frances lhe leu.

Se levasse o seu plano até ao fim, poderia deixar Turim amanhã em vez de esperar mais uma semana. Podia dar a desculpa da morte de um familiar, entregar a investigação ao seu substituto, apanhar o limitado e exorbitantemente caro Concorde de Paris para Nova Iorque, e estar na manhã seguinte com Frances.

A sua agitação aumentava com as possibilidades. Receoso da descoberta e igualmente temeroso do sucesso, Felix baixou a cabeça para evitar o olhar fixo de Bartolo e começou o seu trabalho. Parou quando as irmãs Clarissas chegaram ao local aonde se encontrava, para descobrirem o forro do Sudário, conhecido como o Pano de Holanda. Então, ele e o padre Bartolo desdobraram o Sudário no seu comprimento. Enquanto outros trabalhavam à sua volta, Felix posicionou o seu microscópio cuidadosamente em vários locais, a sua respiração mais pesada do que normalmente, as palmas das suas mãos suavam por baixo das luvas cirúrgicas. O microscópio tinha uma particularidade que ninguém naquela sala dourada além dele próprio tinha conhecimento. Ele tinha-o concebido com este dia em mente – dizendo para consigo próprio que nunca o iria usar.

Felix esperou pelo momento que tinha imaginado mil vezes, pensando se alguma vez o iria efectivamente realizar. A sua oportunidade surgiu quando o padre Bartolo se afastou da mesa para se sentar.

Olhando pelo óculo, Felix colocou o microscópio sobre a maior mancha de sangue, a que tinha escorrido quando o soldado romano usara a sua lança para lhe perfurar o tórax. Ajustou a ampliação até que os fios manchados de sangue sobressaíram.

Felix puxou uma alavanca, o seu coração batia aceleradamente. Uma lâmina muito fina com um gancho na ponta apareceu. Segurou a respiração. Cortou dois dos fios mais grossos, depois deslocou três centímetros e voltou a cortar. Levantou a cabeça, limpou os olhos à manga da camisa, e viu que o padre Bartolo falava com um dos outros padres. Felix debruçou-se sobre o microscópio. Quando a lâmina recolheu, os pedaços de fio vieram juntamente, transportando centenas de células sanguíneas as quais Felix tinha a certeza continham o ADN do Filho de Deus.

Ansiosamente, levantou o precioso fruto do seu roubo.

Os judeus não tinham morto Cristo.

Mas, se Deus quisesse, um judeu trá-lo-ia de volta ao mundo.